

TRANSPONDO AS BARREIRAS HISTORIOGRÁFICAS POR MEIO DA HISTÓRIA ORAL

FABIANA DE PIERI¹
fabianadepieri@hotmail.com
ADEMILSON BATISTA PAES²
abpaesbr@yahoo.com.br

A história reconhece novas fontes

Este artigo faz parte de um projeto de pesquisa em andamento sobre as memórias de professores transexuais do leste de Mato Grosso do Sul, e não poderia contar com outra abordagem, se não a da História Oral, considerada por muito tempo tão subversiva como o próprio tema, diversidade sexual. Conceitos estabelecidos sobre ambas, criaram *barreiras* que levaram a construção de paradigmas rígidos sobre o papel historiográfico, tanto da diversidade sexual, quanto da história oral.

Iniciemos sobre a história oral, mas para chegarmos a ela, é preciso um breve retorno, que parte da revolução francesa historiográfica, conhecida por Escolas dos *Annales*, que possibilitou repensar a prática histórica, se afastando de um fazer historiográfico apenas pautado em aspectos quantitativos, tendo como focos principais a política, os aspectos monárquicos e militares, considerando reconhecer história a partir de outras fontes como o comércio, os costumes, sendo este que leva aos aspectos culturais, e para tanto indo além dos documentos considerados oficiais e partindo para as mentalidades e para acessá-las, as memórias dos sujeitos. A partir da considerada terceira geração das Escolas dos *Annales*, que surgiu na década de 70, o movimento historiográfico, conhecido como a Nova História, abrindo em seguida para a Nova História Cultural –NHC, possibilitou infinitas fontes históricas, dentre elas a que seguirá esta pesquisa.

¹ Mestranda em Educação (PGEDU – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul – UEMS – Unidade Universitária de Paranaíba), integrante do GEPEGEDI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Diversidade).

² Docente e pesquisador do PGEDU (UEMS), líder do GEPEGEDI.

O inglês Peter Burke, foi um dos principais autores que reconheceu este movimento e apresentou para o Brasil, por meio de suas diversas obras³ de extrema relevância para o meio historiográfico brasileiro, ampliando os horizontes para novas pesquisas históricas, enriquecendo-as com os diálogos com outras ciências de referência, sendo a principal delas a antropologia.

Consideremos a Escola dos *Annales*, como um movimento de ruptura no cenário historiográfico, abrindo espaço para novos objetos que não apenas documentos, considerando que ao longo das décadas deste movimento, historiadores engajaram-se em promover credibilidade no meio científico, diante de tantas possibilidades históricas que contribuíam de forma efetiva para que novos objetos, e novos temas, fossem reconhecidos como relevantes a historicidade humana e a ciência, como cita Burke:

Da minha perspectiva, a mais importante contribuição do grupo dos Annales, incluindo-se as três gerações foi expandir o campo da história por diversas áreas. O grupo ampliou o território da história, abrangendo áreas inesperadas do comportamento humano e a grupos sociais negligenciados pelos historiadores tradicionais. Essas extensões do território histórico estão vinculadas à descoberta de novas fontes e o desenvolvimento de novos métodos para explorá-los. (Burke, 1991 p.90)

Com este novo olhar historiográfico surge novos temas, novos objetos de pesquisa, naturalmente novos métodos para abordá-los, dentre eles a História Oral, que como veremos, não se trata de nenhuma novidade, e sim, um novo reconhecimento, trazendo a perspectiva de se aliar a estes novos objetos que enriquecem sobre maneira os trabalhos e pesquisas históricas.

A história por meio da História Oral

A diversidade de histórias é tão grande quando a própria natureza. Cada pessoa tem uma história, assim como cada um de seus feitos, sejam eles pequenos ou grandes. Toda ação humana gera emoções, conflitos, e conseqüentemente, desafios a serem superados. São vidas

³ Suas principais obras são: A escola dos Annales (1929-1989) A revolução Francesa da Historiografia (1990), Formas de fazer história (1991), O que é história cultural (2005).

que seguem deixando marcas, vestígios para que a historicidade as reconheça no futuro, com objetivos tão diversos quando a própria história, e talvez o principal deles, seja a busca constante pelo conhecimento, a curiosidade para saber mais, saber do outro pelas marcas deixadas por meio de objetos, documentos, entre outros. Pode ser insuficiente, melhor talvez ir direto a fonte ouvi-la, buscar na subjetividade que se apresenta respostas para desvelar histórias ricas de detalhes que ajudarão ao historiador a compor fatos, e assim descobrir novas histórias.

A história oral, como já dito, não se trata de uma nova abordagem, mas de um novo reconhecimento, uma vez que a história oral é tão antiga quanto a própria história (THOMPSON, 1998, p.22), afinal, era por meio da oralidade que os fatos culturais percorriam gerações, porém, passando por um longo período, onde as evidências documentais ganharam notoriedade e legitimidade frente as pesquisas históricas, portanto quando o historiador faz uso da história oral, ele está na verdade, reconquistando uma prática muito antiga, que legitima o historiador, assim como os indícios materiais que por ventura ele lançar mão.

Paul Thompson, a partir da década de 60, descobriu a importância da história oral, quando documentos se tornavam escassos para o seu trabalho, ele percebeu que as pessoas contribuíam e sempre acrescentavam algo valioso para suas pesquisas, evidenciando a importância das memórias dos sujeitos para o enriquecimento do trabalho histórico social. Mesmo sendo considerada para muitos historiadores tradicionais uma metodologia marginalizada que não seria capaz de comprovar a veracidade das narrativas, por acreditarem que as memórias poderiam se tornar “facilmente falíveis e fantasiosas” (THOMPSON, 1998, p.18), ele seguiu buscando legitimar a história oral no meio científico como sendo de extrema relevância para a historiografia.

Em 1978, Thompson lança a primeira edição do livro “A voz do passado: História oral”, uma obra que se torna referência para os trabalhos que seguem o percurso da história oral, vista por ele como capaz de contribuir para uma sociedade mais justa, uma vez que para se fazer história oral é preciso saber ouvir e dar voz a memórias que foram negligenciadas pela história, buscando contribuir de maneira efetiva para uma sociedade democrática.

A história oral não é necessariamente um Instrumento de mudança; isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigações, pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior; e na produção de da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode se desenvolver as pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras. (THOMPSON, 1998, p.22)

Mesmo não sendo considerado por Thompson um instrumento de mudança, a história oral a promove, quando rompe *barreiras* historicamente construídas entre pessoas, instituições, gerações, dentre outras. Uma delas é contribuir para a história de tempo real, abordando temas como a diversidade sexual na contemporaneidade, por meio de sujeitos que a representam, como é o caso desta pesquisa.

Com a abordagem da história oral, é possível escrever uma história mais próxima da realidade, de forma imparcial, invocando detalhes, que muitas vezes passam despercebidos. Para se fazer história oral, é preciso disposição para sair e ir de encontro com a história, exercendo a alteridade, em busca de fontes, e buscando conscientizá-las de sua importância no processo histórico, tornando uma abordagem complexa para o trabalho historiográfico, uma vez que após encontrar as fontes, entrevista-las, transcrever as narrativas e confrontá-las com outros dados, e finalmente registrar para a posteridade.

Sutilezas da vida humana que se apresentam no dia-a-dia, só podem ser recontadas por meio da história oral, e com elas é possível contribuir para a história social. No Brasil, um importante trabalho sobre memórias, escrito por Eclêa Bosi, traz em sua obra “Memória e Sociedade: Lembranças de velhos”, um exemplo da contribuição da história oral no âmbito historiográfico. Por meio das memórias dos velhos, ela busca acessar o passado da capital paulista, São Paulo, uma das cidades de maior importância dentro do cenário brasileiro. Ela inicia abordando técnicas capazes de ajudar na ativação dessas memórias, fala do respeito aos “memorialistas”, como ela se refere aos sujeitos colaboradores da pesquisa, dentre outras valorosas contribuições para quem pretende fazer história oral.

A complexidade do real é possível ser reconhecida por meio da história oral, que traz em sua abordagem, um misto de técnica e metodologia, assim como a forma de saber sobre temas pouco explorados pela história considerada tradicional.

A memória desconhece ordem cronológica, fixa mais facilmente aquilo que for importante, e requer do historiador, esforço e conhecimento, para conseguir recolher destas memórias o que será significativo para a historicidade a que se propõe.

A história oral na contemporaneidade

Em 1998, no Rio de Janeiro, o Brasil foi sede para a X Congresso de História Oral-Desafios para o século XXI, posteriormente em 2000, foi lançado um livro, organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes e Verena Alberti, cujos textos dos anais, foram organizados e disponibilizados neste livro, dentre eles o texto de Roberto DaMatta “Brasil dois mil: um exercício de profecia”, nos traz:

O mundo do ano 2000 será sem dúvida globalizado, nacionalizado, cívico e universalista, mas também será um universo no qual os valores étnicos terão enorme presença e visibilidade. Será um mundo simultaneamente homogêneo e heterogêneo. Um universo, portanto, muito mais brasileiro do que poderiam imaginar nossos teóricos. Nele, certamente, vamos encontrar dimensões universais e também uma multidão de intermediários e mestiços: “mestiços culturais” que viverão entre nações e etnia, explicando as diferenças, intermediando disputas, criando sociedades híbridas e sistemas a meio caminho. Será certamente muito mais um mundo de “mulatos” do que de “puros”, um sistema que só poderá operar com a presença dos que têm simpatia pela diferença, pelo hibridismo e pela multidão de “outras” com que todos irão conviver. (FERREIRA,2000, p.28)

Estamos em 2016, confirmado as previsões de Da Matta, estamos na era da globalização, da comunicação, o Brasil está sendo colocado em “xeque” sobre aspectos como tolerância, respeito a diversidade, ética, política, educação, tomando rumos, dando passos ao

amadurecimento desta nação tão mista e rica em sua humanidade. Em paralelo a esta conferência sobre história oral, a diversidade sexual também começa a buscar espaço, a partir dos anos 2000 iniciam-se diálogos por meio de conferências e a luta por políticas de direitos começam a se consolidarem, reforçando a democracia, e diferentemente da Europa, no Brasil a história oral está vinculada a fatores políticos, buscando a redefinição democrática, com este “tom político”, é consolidada como uma possibilidade real de se compreender a sociedade brasileira. (MEIHY, 1999, p.128).

A história oral pode então seguir ao seu propósito enriquecedor de trazer por meio da ativação das memórias uma enorme gama de conteúdos que colaborem para que ela se firme no cenário historiográfico brasileiro, assim como as políticas afirmativas que promovem a inserção da diversidade sexual, ambas oferecendo a oportunidade de se escrever na historiografia brasileira a história de um povo em processo de consolidação de direitos humanos e de reconhecimento de sua população híbrida, constituindo de fato, “mestiços culturais”.

Para tanto, a história oral apresenta-se como solução moderna, disposta a influir no comportamento da cultura e na compreensão de comportamentos da sensibilidade humana, como forma de pensar a sociedade contemporânea, por manter um vínculo com o inevitável, o imediato, a obriga, a reconhecer, o enlace na memória com o modo de narrar, superando a mera aquisição de dados, e indo de encontro à possibilidade de uma visão mais subjetiva da experiência humana.

(...)que pensa a história oral como uma disciplina autônoma, pois considera que o fato do núcleo da investigação gere uma série de preocupações, como por exemplo, as relações entre escrita e oralidade, que traz para a cena as trajetórias individuais, reformula a relação sujeito/objeto, elege o presente como perspectiva temporal das narrativas, tem um apelo público que ultrapassa os muros da academia que exige toda uma discussão sobre quem é quem na história oral. (MEIHY e HOLANDA, 2004, p. 86)

A grande contribuição da história oral para as pesquisas, é a capacidade de trazer à luz o sujeito como condutor do processo histórico no qual faz e fez parte, é colocá-lo como protagonista de uma história viva e portando mais próxima do real.

O uso analítico da história oral será o objetivo da entrevista, e terá, portanto, um

compromisso público, tendo um “destino transformador”, marca da história oral. (MEIHY e HOLANDA, 2004, p.108).

Destino de transformar a história, aproximando-a da realidade, que constitui uma história de vida, grupo de pessoas, ou fatos históricos, como mostra que a história oral vem ganhando espaço como uma maneira ou metodologia contemporânea de se escrever a história a partir do micro, e dando voz a quem não teve.

A história oral é um ponto de contato entre as demais ciências sociais de comportamento, principalmente a antropologia, porém, por se tratar de um estudo das mentalidades, outras áreas são de suma importância para a contribuição do historiador que opta por este método. A psicanálise, psicologia, filosofia, ambas apontam para a compreensão da subjetividade que se apresenta nos sujeitos/objetos, assim como disciplinas como a linguística, contribuíram para o trabalho de transcrição das entrevistas. A riqueza desta metodologia está em conseguir dialogar, de diversas maneiras, com outras ciências, buscando a ampliação do conhecimento, e se tornando assim multidisciplinar, “por inclusão e assimilação, crítica ou não, de temas, problemas, métodos e técnicas de trabalho de diversas disciplinas sociais.” (FERREIRA e AMADO, 2006, p .20)

Com este *locus* multidisciplinar, a história oral configura também ao meio acadêmico a oportunidade de enriquecer pesquisas e se aproximar do público em geral, por meio de pesquisas que busquem promover a inserção na historiografia, o caráter híbrido do povo brasileiro, revelando o compromisso político da história oral, como forma de operação, colocando a universidade a serviço militante da sociedade. (MEIHY, 1999, p.129)

A história oral na diversidade sexual

Ao iniciar uma pesquisa em História Oral, é preciso que se inicie sem opinião formada, sem preconceito, despido de certezas, e que parta do chamado *ponto zero*, ou seja, a partir das narrativas iniciais dos colaboradores a pesquisa de caráter científico se consolida. Partindo da temática diversidade sexual, pensou-se em elencar professores que vivenciavam sua orientação sexual dentro da perspectiva da diversidade, ao selecionar os possíveis colaboradores, percebeu-se que se tratava de transexuais, portanto, iniciando “a partir de baixo” com ênfase na história

cultural (Burke,2005) da diversidade sexual e na construção da identidade social do sujeito a partir de sua orientação sexual, e seguindo os parâmetros utilizados da História Oral iniciou-se a pesquisa.

Dentre as formas de qualificação da História Oral, a utilização da Forma de Saber, saber sobre algum tema a partir da história de vida será a utilizada, muito embora esta não seja a forma mais utilizada em trabalhos de pesquisa científica, sua escolha se justifica pela valorização da memória viva e seu impacto social, bem como a possibilidade de uma visão mais subjetiva das experiências dos colaboradores. Conforme:

Como forma de saber a história oral é um recurso atento ao uso do conhecimento da experiência alheia, que se organiza com nítida vocação para, a essência de trajetórias humanas. Muito menos preocupada com os enquadramentos técnicos, metodológicos ou científicos em geral, a aquisição de entrevistas como maneira de registrar, contar ou narrar(...) (MEIHY e HOLANDA, 2014, p.73).

Realizar uma pesquisa tendo como base a História Oral, possibilita pesquisar sobre temas que passam despercebidos pela historiografia.

Diante da multiplicidade da raça humana, vão surgindo classificações possíveis para melhor compreendê-las, embora saibamos das diferenças entre gêneros, culturas, religiões e etnias, ainda precisamos da necessidade de encontrarmos respostas e maneiras de aceitarmos, reconhecermos, e principalmente, respeitarmos a diversidade. Dentre todas as nuances que este termo nos traz, a pesquisa segue abordando a diversidade sexual dentro da perspectiva de história de vida.

A diversidade sexual tem ganhado notoriedade no âmago das discussões em diversos contextos da sociedade. Diante da complexidade do tema, esta pesquisa pretende analisar a narrativa de colaboradores que vivem de uma maneira divergente do esperado pela sociedade sul mato-grossense. Por meio de suas trajetórias de infância, escolarização e formação, pretende-se abordar e fazer conhecer os fatos e a história de sujeitos singulares, e traz a possibilidade de olharmos para o presente, valorizando a diversidade como patrimônio natural e implícito em todo ser humano, uma vez que através da oralidade é possível fazer

interpretações qualitativas de processos históricos, privilegiando e considerando o âmbito subjetivo da experiência humana (ALBERTI,2005).

A História Oral, como metodologia, colabora de forma efetiva e fundamental para a reconstrução das memórias do passado, com o grande desafio de trazer a subjetividade das fontes à luz, para que possibilite à compreensão da trajetória percorrida, e as escolhas significativas no percurso, para tanto:

A lição importante é aprender a estar atento àquilo que não está sendo dito, e a considerar o que significam os silêncios. Os significados mais simples são provavelmente os mais convincentes (Thompson, 1992, p.205).

A história da educação perpassa por toda a sociedade e se entrelaça com a cultura de um povo representada pelos sujeitos, abordar o tema da diversidade sexual possibilita sanar dúvidas que são suscitadas no convívio de toda a sociedade, e abordar o assunto com a ajuda de sujeitos que transitam pelo tema e que passaram pela escola, enquanto alunos, professores ou funcionários, que as histórias são contadas através de relatos coletados de uma maneira muito própria com caráter específico da metodologia “História Oral” que segundo Verena (2011) “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente”. Pode-se compreender como dentro da cultura é ou foi tratada a diversidade sexual, através de um roteiro organizado por forma de eixos propuseram aos colaboradores uma liberdade que possibilitou narrarem suas trajetórias de maneira que fluísse e se sentissem a vontade para falar.

Abordar a história do tempo presente por meio da história oral, faz com que a proximidade com a verdade dos fatos aumente, aumentando também a relação historiador, sujeito e temática, configurando em uma colaboração ativa da historicidade, e portanto analisar as fontes orais como representação de uma vivência que contribua para uma pesquisa na linha da história da educação e sociedade com um tema tão contemporâneo, onde as inquietações são urgentes, mas que não podem ser analisadas sem considerar o passado que as trouxe até aqui, torna-se uma de valorosa contribuição para a sociedade, incluindo de forma especial as escolas

como contribuição para a evolução da experiência humana, rompendo com paradigmas que pudessem levar ao preconceito.

Sem pretensão de ser capaz de dar voz a alguém, porém com um olhar inquieto de pesquisadora e poder evidenciar a história de um sujeito como unidade qualitativa (ALBERTI, 2005) e dentro desta perspectiva Alberti contribui de forma enriquecedora para o início de um trabalho de pesquisa dentro da perspectiva da História Oral.

A partir do exposto, escolheu-se uma abordagem da História Oral como Forma de Saber, que em uma de suas definições “fundem o desejo de registrar a dimensão pública de histórias que merecem divulgação” (MEIHY e HOLANDA, 2014).

Com a intenção de honrar de maneira muito significativa os colaboradores desta pesquisa, as narrativas serão sempre o início para que se possa discorrer sobre a suas trajetórias, Meihy disse em uma de suas palestras, que sempre faz uso de histórias para iniciar suas falas, porque seria este o princípio da história oral, conta que expõe as flores logo embaixo das árvores para que qualquer pessoa que cheire a flor sinta a sombra da árvore, fazendo assim alusão a importância dos sujeitos/colaboradores para o pesquisador.

Considerações Finais

A história oral torna-se grande aliada para abordar temas contemporâneos, como a diversidade sexual, dentre outros que contribuam para a historiografia brasileira, por se tratar de uma metodologia que valoriza as narrativas e as transformam em fontes capazes de contribuir com temas que partem da cultura de um povo e da busca pelo cumprimento da democracia.

Memórias, subjetividades, culturas, diversidades, estão presentes na vida humana e permeiam toda a sua história ao longo do tempo, deixando vestígios materiais ou não, que levam a reconstrução de fatos e oportunizam ao historiador, preencher lacunas que o recurso material pode ter deixado.

A história oral como método-fonte-técnica possibilita utilizar de entrevistas para se aproximar do tema/objeto que será pesquisado e requer que o historiador desenvolva habilidades como a alteridade, a flexibilidade, bem como o respeito com o sujeito colaborador

de sua pesquisa, considerando, que a memória não segue um percurso linear , principalmente em uma pesquisa de história de vida, há de ter o cuidado de deixar as memórias fluírem, e ao historiador, organizá-las conforme o foco da pesquisa. Qualquer tema desde que seja contemporâneo, pode ser abordado pela história oral, ou seja, que existam pessoas que possam relatar e contribuir sobre o objeto da pesquisa.

Referências:

BOSI, Eclêa. **Memória e Sociedade: Lembranças de velhos**/Eclêa Bosi.-3 ed. – São Paulo : Companhia das Letras.1994

BURKE, Peter. **A revolução Francesa da historiografia: a Escola dos *Annales* 1929 -1989**. Tradução Nilo Odália- São Paulo: Editora Universidade Paulista,1991.

FERREIRA, Marieta de Moraes, **História Oral- desafios do século XXI**, organizado por Marieta de Moraes Ferreira, Tania Maria Fernandes, Verena Alberti – Rio de Janeiro: Editora FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína coordenadoras – **Uso e Abusos da história oral** - 8.ed. – Rio de Janeiro: Editora FGV,2006

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; **Fabiola Holanda História oral como fazer, como pensar** - 2ª.ed., 3ª reimpressão- São Paulo: Contexto,2014

THOMPSON, Paul (1935-). **A voz do passado - História Oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.